

DE REPENTE UMA
noite de paixão

Título original: *Suddenly You*

Copyright © 2001 por Lisa Kleypas

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Suelen Lopes

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Renata Vidal

imagens de capa: © Malgorzata Maj / Arcangel

adaptação para ebook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K55d Kleypas, Lisa

De repente uma noite de paixão [recurso eletrônico]/ Lisa Kleypas; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: *Suddenly you*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0126-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

19-61657

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

Prólogo

Londres

Novembro de 1836

— Copyrighted image estilo preferido, Srta. Briars? Gostaria que seu
fosse cabelos claros ou escuros? Altura mediana
ou estrangeiro?

A madame era de um profissionalismo impressionante, como se elas estivessem decidindo sobre um prato a ser servido em um jantar e não sobre um homem a ser contratado para a noite.

As perguntas fizeram Amanda se encolher por dentro. Ela sentiu o rosto arder até as bochechas formigarem e se perguntou se os homens se sentiam dessa forma na primeira vez em que visitavam um bordel. Por sorte, aquele bordel em particular era bem mais discreto e mobiliado com muito mais bom gosto do que ela tinha imaginado. Não havia quadros obscenos ou gravuras vulgares, e nenhum cliente ou prostituta à vista. O estabelecimento da Sra. Bradshaw era bem bonito, com as paredes cobertas de um damasco verde-musgo, a sala de recepção privada cheia de confortáveis peças de mobília em estilo Hepplewhite. Uma pequena mesa de tampo de mármore fora elegantemente posicionada ao lado de um sofá estilo imperial com uma estampa de escamas douradas.

Gemma Bradshaw pegou um pequeno lápis dourado e um caderninho que estava na beirada da mesa e encarou Amanda na expectativa.

— Não tenho um estilo preferido — disse Amanda, mortificada, mas com determinação. — Vou confiar no seu julgamento. Apenas mande alguém na noite do meu aniversário, daqui a uma semana.

Por algum motivo, a Sra. Bradshaw achou aquilo muito divertido.

— Como um presente para si mesma? Que ideia deliciosa. — Ela encarou Amanda com um sorriso lento, que iluminou seu rosto anguloso. A madame não era uma beldade, sequer era bonita, mas

tinha a pele muito lisa, cabelos ruivos bem-cuidados e um corpo alto e voluptuoso. – Srta. Briars, posso perguntar se é virgem?

– Por que quer saber? – devolveu Amanda, em tom cauteloso.

A Sra. Bradshaw arqueou uma das sobrancelhas ruivas e perfeitamente delineadas em uma expressão bem-humorada.

– Se realmente deseja confiar no meu julgamento, Srta. Briars, devo estar ciente das particularidades da sua situação. Não é comum uma mulher como a senhorita procurar o meu estabelecimento.

– Pois bem. – Amanda respirou fundo e falou rapidamente, movida por algo mais próximo do desespero do que do bom senso que sempre se orgulhara de ter. – Sou uma solteirona, Sra. Bradshaw. Daqui a uma semana completarei 30 anos. E, sim, ainda sou virgem... – Ela engasgou com a palavra, mas continuou com determinação: – Mas isso não significa que deva permanecer assim. Vim procurá-la porque é de conhecimento geral que a senhora é capaz de providenciar qualquer coisa que um cliente pedir. Sei que deve ser uma surpresa ver uma mulher como eu aqui e...

– Minha cara – interrompeu a madame com uma risadinha discreta –, há muito tempo nada mais me surpreende, mas creio que entendi bem o seu dilema e vou, sim, lhe garantir uma solução agradável. Então me diga... alguma preferência em relação à idade ou aparência? Algo de que goste, ou desgoste, em particular?

– Preferiria um homem jovem, mas não mais jovem do que eu. E também não velho demais. Não precisa ser belo, embora eu não deseje que seja desagradável à vista. E asseado – acrescentou Amanda quando um pensamento lhe ocorreu. – Na verdade, insisto em limpeza.

Com o lápis, a Sra. Bradshaw anotava tudo rapidamente no caderninho.

– Não imagino que isso venha a ser um problema – comentou, com

um brilho nos belos olhos escuros, o que sugeria uma risada contida.

– Também insisto em discrição – apressou-se a dizer Amanda. – Se alguém um dia descobrir isso...

– Minha cara – interrompeu a Sra. Bradshaw, acomodando-se mais confortavelmente no sofá –, o que acha que teria sido do meu negócio se eu permitisse que a privacidade dos meus clientes fosse violada? Para seu conhecimento, meus funcionários atendem a alguns dos membros mais importantes do Parlamento, para não mencionar os lordes... e damas... mais abastados da alta sociedade. Seu segredo está a salvo, Srta. Briars.

– Obrigada – falou Amanda.

Ela se sentia dividida entre o alívio e o terror, e tinha a terrível desconfiança de que estava cometendo o maior erro de sua vida.

Capítulo 1

Ainda sabia exatamente por que o homem à sua porta era um amante profissional. Desde o momento em que ela o viu entrar às pressas, como se estivesse abrigando um prisioneiro foragido, ele a encarara em um silêncio atônito. Obviamente lhe faltava a capacidade mental necessária para almejar uma ocupação mais intelectualmente desafiadora. Mas é claro que o homem não precisava do cérebro para prestar o serviço para o qual fora contratado.

– Rápido – sussurrou ela, ansiosa, puxando-o para dentro pelo braço musculoso. E bateu a porta assim que ele entrou. – Acha que foi visto por alguém? Não imaginei que você simplesmente apareceria na porta da minha casa. Os homens na sua profissão não são treinados para mostrar certa discrição?

– Na minha... profissão? – repetiu ele, perplexo.

Agora que ele estava escondido das vistas de qualquer passante, Amanda se permitiu encará-lo com atenção. Apesar de sua aparente lentidão mental, era muito bem-apegoado. Na verdade, era lindo, se é que era possível usar essa palavra para se referir a uma criatura tão obviamente máscula. Ele era esguio e musculoso, os ombros tão largos que pareciam encobrir toda a largura da porta da frente. Os cabelos negros e brilhantes eram cheios e bem-cortados, e o rosto bronzeado cintilava com um barbear preciso. Além disso, tinha um nariz longo e reto e uma boca voluptuosa.

E olhos azuis impressionantes, de um tom diferente de qualquer outro que Amanda já vira – exceto, talvez, na loja de tintas, onde o químico local fervia anil e sulfato de cobre por dias até conseguir uma tinta de um tom azul tão escuro e intenso que se aproximava do violeta. E ainda assim os olhos daquele homem não tinham a qualidade angelical que normalmente se associaria a uma cor do tipo. Eram sagazes, experientes, como se vissem com frequência

excessiva um lado da vida completamente desconhecido por Amanda.

Foi fácil entender por que mulheres pagavam pela companhia dele. A ideia de contratar aquela criatura tão máscula e de encher os olhos para uso particular era extraordinária. E tentadora. Amanda sentiu-se envergonhada pela reação secreta que teve a ele, as ondas de calor e os calafrios que percorreram seu corpo, o rubor ardente que dominou seu rosto. Havia, afinal, se resignado a ser uma solteirona digna... chegara mesmo a se convencer de que ser solteira lhe garantia uma enorme liberdade. No entanto, seu corpo enervante parecia não entender que, na idade dela, uma mulher não deveria mais ser perturbada pelo desejo. Em uma época em que aos 21 anos as moças eram consideradas velhas, aos 30 elas certamente já haviam sido postas de lado. Amanda já tinha passado do seu auge, não era mais desejável. Era uma “moça velha”, como as pessoas às vezes chamavam mulheres da sua idade. Se ao menos conseguisse se convencer a aceitar o próprio destino...

Amanda se forçou a encarar o homem bem no fundo de seus extraordinários olhos azuis.

– Pretendo ser franca, senhor... Não, não importa, não me diga seu nome, não vamos nos relacionar pelo tempo necessário para exigir apresentações. Veja bem, a questão é que tive tempo para pensar melhor sobre a decisão que tomei um tanto precipitadamente, e o fato é que... bem, mudei de ideia. Por favor, não veja isso como uma afronta pessoal. Não tem nada a ver com o senhor, ou com a sua aparência, e vou me certificar de deixar isso claro para a sua patroa, a Sra. Bradshaw. O senhor é um homem muito bonito e pontual, e não tenho dúvidas de que é muito bom em... bem, no que faz. Mas a verdade é que cometi um erro. Todo mundo erra, certo? Eu com certeza não sou exceção. Muito de vez em quando, cometo algum errinho de julgamento...

– Um segundo. – Ele ergueu a enorme mão em um gesto defensivo, o olhar firme fixo no rosto ruborizado de Amanda. – Pare de falar. Ninguém na vida adulta dela lhe dissera para parar de falar. Mas a surpresa fez Amanda se calar e se esforçar para conter a enxurrada de palavras que ameaçava escapar de seus lábios. O estranho cruzou os braços na frente do peito musculoso e apoiou as costas contra a porta para encará-la. Sob o brilho da luminária no minúsculo hall de entrada da elegante casa de Amanda em Londres, os longos cílios dele projetavam sombras em seus malaras.

Amanda não pôde deixar de pensar que a Sra. Bradshaw tinha um gosto excelente. O homem que ela mandara parecia um cavalheiro. Era surpreendentemente bem-arrumado, vestido em roupas elegantes e bastante tradicionais: um paletó preto, calça cinza-chumbo e sapatos pretos engraxados à perfeição. A camisa engomada era branca como a neve em contraste com a pele morena, e a gravata de seda cinza estava arrumada em um nó simples e perfeito. Até aquele momento, se pressionada a descrever o homem ideal, Amanda o teria descrito como louro, de pele clara e ossos delicados. Agora, se via forçada a rever inteiramente essa opinião. Nenhum Apolo de cabelos louros seria páreo para o homem grande e robusto diante dela.

– A senhorita é Amanda Briars – disse ele, como se exigindo uma confirmação. – A romancista.

– Sim, escrevo romances – retrucou ela, com paciência forçada. – E o senhor é o cavalheiro que a Sra. Bradshaw enviou a meu pedido, não é?

– Pareço ser – falou ele, lentamente.

– Bem, eu lhe peço desculpas, senhor... não, não, não me diga. Como expliquei, cometi um erro e acho que o senhor deve ir embora. Naturalmente, pagarei por seus serviços, embora eles já

não sejam mais necessários, já que a culpa é toda minha. Só me diga quanto costuma cobrar e acertaremos o assunto imediatamente.

Como o homem continuou a encarar Amanda, ela viu a expressão dele mudar, o divertimento dando lugar ao fascínio, os olhos azuis cintilando com um humor malicioso que mexeu com os nervos dela.

– Diga, por favor, que serviços foram requisitados – sugeriu ele gentilmente, afastando-se da porta. Então se aproximou mais de Amanda, até seu corpo quase encobrir o dela. – Temo não ter discutido os detalhes com a Sra. Bradshaw.

– Ah, apenas o básico. – A postura de Amanda desabava rapidamente a cada segundo. Ela sentia o rosto quente e seus batimentos acelerados pareciam reverberar por todo o corpo. – O de sempre.

Sem de fato ver, ela se virou para a mesa de madeira acetinada, em formato de meia-lua, que estava encostada à parede. Em cima dela havia um maço de cédulas cuidadosamente dobradas.

– Sempre pago as minhas dívidas, e acabei dando trabalho ao senhor e à Sra. Bradshaw por nada, por isso estou mais do que disposta a compensá-los...

Amanda se deteve e deixou escapar um som estrangulado quando sentiu a mão do homem se fechar ao redor de seu braço. Era inimaginável que um estranho tocasse qualquer parte do corpo de uma dama. Ainda mais inimaginável, é claro, era que uma dama recorresse ao expediente de contratar um amante de aluguel, mas fora exatamente o que ela fizera. Arrasada, Amanda decidiu que se enforcaria antes de fazer algo tão tolo de novo.

Seu corpo enrijeceu sob o toque do estranho, e ela não ousou se mover enquanto ouvia a voz dele junto à nuca.

– Não quero dinheiro. – A voz profunda tinha um toque de humor

sutil. – Serviços que não foram realizados não são cobrados.

– Obrigada. – Ela cerrou os punhos com força. – É muito gentil da sua parte. Mas me permita ao menos alugar-lhe um cavalo. Não há necessidade de o senhor voltar para casa a pé.

– Ah, ainda não pretendo partir.

Amanda ficou boquiaberta. Então encarou o homem, horrorizada. Como assim, ele não pretendia partir? Ora, seria convidado a fazê-lo, querendo ou não! Ela considerou rapidamente as opções que tinha, mas, infelizmente, eram poucas. Tinha dado a noite de folga ao criado, à cozinheira e à camareira. Nessa frente não conseguiria ajuda. E com certeza gritar pedindo socorro a um policial não era uma opção viável. A exposição poderia ser prejudicial para a carreira dela, e seus livros eram o único meio de sustento da casa. Amanda reparou em um guarda-chuva com cabo de madeira, no apoio de porcelana perto da porta, e se moveu naquela direção o mais discretamente possível.

– Está planejando me expulsar à força usando aquilo? – perguntou o convidado indesejado, em tom educado.

– Se necessário.

A confirmação foi recebida com uma risadinha divertida, e o homem tocou o queixo de Amanda, para que ela erguesse o olhar para ele.

– Senhor! – exclamou Amanda. – Se importa...

– Meu nome é Jack. – O vislumbre de um sorriso surgiu nos lábios dele. – E em breve irei embora, mas não antes de discutirmos algumas coisas. Tenho algumas perguntas para a senhorita.

Ela deixou escapar um suspiro de impaciência.

– Sr. Jack, não tenho dúvidas quanto a isso, mas...

– Me chame só de Jack.

– Muito bem... Jack. – O olhar de Amanda agora era severo. – Agradeceria se fizesse a gentileza de partir imediatamente!

Ele se adiantou a passos lentos pelo hall de entrada, parecendo relaxado, como se Amanda o tivesse convidado para o chá. Ela se viu forçada a reconsiderar a impressão que tivera à primeira vista, de que realmente se tratava de um homem de capacidade de compreensão lenta. Depois que Jack se recompusera da surpresa de ser puxado tão rapidamente para dentro da casa dela, sua inteligência mostrava rápidos sinais de recuperação.

Com um breve olhar crítico, o estranho esquadrinhou a casa, reparando nas peças em estilo clássico que mobiliavam a sala de estar, decorada em tons de creme e azul, e no console de mogno nos fundos do hall de entrada, acima do qual havia um espelho emoldurado. Se Jack estava procurando por enfeites elegantes, ou por sinais óbvios de riqueza, se desapontara. Amanda não suportava pretensão ou falta de praticidade, e por isso escolhera sua mobília por funcionalidade, não por estilo. Para ela, cadeiras precisavam ser grandes e confortáveis. Um aparador tinha que ser firme o bastante para sustentar uma pilha de livros, ou uma luminária grande. Amanda não gostava de objetos dourados ou de pratos decorativos de porcelana, nem de todos os entalhes e hieróglifos que estavam na moda.

Quando o visitante parou perto da porta da sala de visita, Amanda falou secamente:

– Como parece que o senhor vai agir como lhe convém, sem levar em consideração o que desejo, entre logo e sente-se. Deseja beber alguma coisa? Uma taça de vinho, talvez?

Embora o convite tivesse sido feito com o mais puro sarcasmo, Jack aceitou com um rápido sorriso.

– Sim, se me fizer companhia.

O relance dos dentes muito brancos e o brilho inesperado do sorriso dele provocaram uma estranha sensação em todo o corpo de Amanda, como um banho de água quente em um dia cinza de

inverno. Amanda estava sempre com frio. O clima úmido e escuro de Londres parecia penetrar em seus ossos e, apesar de não economizar em aquecedores para os pés, mantas de colo, banhos quentes e chás temperados com conhaque, nunca estava completamente aquecida.

- Talvez eu tome um pouco de vinho - disse, para a própria surpresa. - Por favor, sente-se, senhor... hum, quero dizer, Jack. - Ela lançou um olhar irônico ao visitante. - Como está na minha sala de visitas agora, pode muito bem me dizer seu nome completo.

- Não - respondeu ele calmamente, com o brilho divertido ainda nos olhos. - Tendo em vista as circunstâncias, acho que permaneceremos na base do primeiro nome... Amanda.

Ora, certamente não faltava ousadia ao homem! Ela gesticulou abruptamente para que ele se sentasse enquanto ia até o aparador. No entanto, Jack permaneceu de pé até ela servir uma taça de vinho tinto para cada um. Só depois que Amanda ocupou o sofazinho de mogno, ele finalmente se acomodou em uma poltrona próxima a ela. A luz do fogo na lareira de mármore bem-abastecida cintilava nos cabelos negros dele e na sua pele lisa e dourada. Jack irradiava saúde e juventude. Na verdade, Amanda começou a desconfiar seriamente se ele não seria alguns anos mais novo do que ela.

- Devo fazer um brinde? - perguntou o convidado.

- Você obviamente deseja fazer isso - retrucou ela, com ironia.

Aquele sorriso ofuscante voltou a iluminar o rosto dele, que ergueu o copo na direção dela.

- A uma mulher de grande ousadia, imaginação e beleza.

Amanda não bebeu. Apenas franziu a testa para ele, que logo tomou um gole do vinho. Na verdade, ele deveria se envergonhar por forçar a entrada na casa dela, recusar-se a sair quando lhe fora pedido e então ficar zombando dela.

Amanda era uma mulher inteligente, honesta e consciente... Ou seja, sabia que não era nenhuma beldade. Seus encantos eram no máximo moderados, e isso só se a pessoa desconsiderasse completamente o ideal feminino vigente. Ela era baixa e, por mais que às vezes pudesse ser descrita como voluptuosa, no geral era definitivamente rechonchuda. Seus cabelos eram uma massa caótica e indomável de cachos castanho-avermelhados – cachos abomináveis que desafiavam qualquer tentativa de domá-los. Ah, a bem da verdade, Amanda tinha uma pele boa, sem marcas ou manchas, e seus olhos já haviam sido descritos como “agradáveis” por um amigo bem-intencionado da família. Mas eram de um cinza sem-graça, sem nuances de verde ou azul para iluminá-los.

Sem atributos físicos que a tornassem bela, Amanda optara por cultivar a mente e a imaginação, que, como a mãe dela previra com tristeza, haviam sido o golpe de misericórdia do destino.

Cavalheiros não queriam esposas com mentes bem-desenvolvidas. Queriam esposas atraentes, que nunca os questionassem nem discordassem deles. E com certeza não buscavam mulheres de imaginação vibrante, que sonhavam acordadas com personagens de livros. Assim, as duas irmãs mais velhas e mais bonitas de Amanda haviam conseguido se casar, e Amanda se dedicara a escrever romances.

O convidado indesejado continuou a encará-la.

– Por favor, me diga por que uma mulher com a sua aparência precisa contratar um homem para a sua cama.

A rudeza dele a ofendeu. No entanto, havia algo inesperadamente atraente na perspectiva de conversar com um homem que não se rendia ao comedimento que a sociedade costumava adotar.

– Antes de mais nada – disse Amanda, em tom sarcástico –, não há necessidade de ser condescendente comigo, sugerindo que eu seja a própria Helena de Troia quando é óbvio que não sou nenhuma

beldade.

A declaração fez com que ela recebesse outro olhar demorado.

– Mas você é – disse ele, calmamente.

Amanda balançou a cabeça com determinação.

– Bem, pelo que vejo, está claro que ou me considera uma tonta que vai sucumbir facilmente a adulações ou seus padrões são realmente muito baixos. Seja como for, está errado.

Um sorriso curvou ligeiramente o canto da boca dele.

– Você não deixa muito espaço para discussão, não é mesmo? É decidida assim em todas as suas opiniões?

Ela respondeu ao sorriso dele com outro, também irônico.

– Lamentavelmente, sim.

– Acha lamentável ser decidida?

– Em um homem, essa é uma qualidade admirável. Em uma mulher, considera-se um defeito.

– Eu não considero. – Ele deu um gole no vinho e relaxou na poltrona, examinando-a enquanto esticava as longas pernas. Amanda não gostou do modo como ele pareceu estar se acomodando para uma longa conversa. – Não vou permitir que fuja da minha pergunta, Amanda. Explique por que contratou um homem para esta noite. – O olhar intenso a desafiou a cooperar.

Amanda percebeu que estava segurando a haste da taça com muita força e se forçou a afrouxar um pouco os dedos.

– É meu aniversário.

– Hoje? – Jack riu baixinho. – Ora, feliz aniversário.

– Obrigada. Pode ir embora agora, por favor?

– Ah, não. Não se eu sou o seu presente de aniversário. Vou lhe fazer companhia. Não vou deixar você sozinha em uma noite tão importante. Agora me deixe adivinhar... hoje começa o seu 30º ano de vida.

– Como sabe a minha idade?

- É que as mulheres reagem estranhamente ao aniversário de 30 anos. Certa vez conheci uma que pendurou tecidos negros na frente de todos os espelhos no dia dessa celebração específica. Para todos os efeitos, era como se alguém tivesse morrido.

- Ela estava de luto pela perda da juventude - disse Amanda, de forma sucinta, e deu um longo gole no vinho, que a fez sentir uma onda de calor espalhar-se por seu peito. - Estava reagindo ao fato de ter se tornado uma mulher de meia-idade.

- Você não está na meia-idade. Está madura. Como um pêssego.

- Tolice.

Amanda estava aborrecida com o fato de que aqueles galanteios, por mais vazios que fossem, estivessem lhe provocando um ligeiro tremor de prazer. Talvez fosse o vinho, ou o fato de ele ser um estranho que ela nunca mais voltaria a ver depois daquela noite, mas a verdade era que Amanda subitamente se sentiu confortável o bastante para dizer o que quisesse àquele homem.

- Eu era madura dez anos atrás. Agora estou meramente conservada, e não demora muito até que seja enterrada de volta no pomar com outros caroços.

Jack riu e colocou o vinho de lado, então se levantou para tirar o paletó.

- Perdão - falou -, mas parece uma fornalha aqui dentro. Você sempre mantém a casa quente assim?

Amanda o observou com cautela.

- Está úmido lá fora, e estou sempre com frio. Na maior parte dos dias uso um gorro e um xale dentro de casa.

- Eu poderia sugerir outros métodos para se manter aquecida...

Sem pedir permissão, Jack sentou-se ao lado dela. Amanda se encolheu contra a lateral do sofazinho, agarrando-se ao que restava de sua compostura.

Por dentro, sentia-se alarmada pelo corpo masculino firme e tão

próximo, e pela experiência nada familiar de se sentar ao lado de um homem em mangas de camisa. O perfume dele provocava seus sentidos e Amanda inspirou fundo aquele aroma sedutor... pele masculina, linho, uma nota leve e pungente de colônia cara. Ela nunca se dera conta de como um homem podia cheirar bem. O marido de nenhuma de suas irmãs tinha aquele aroma agradável. Ao contrário do homem ao lado dela, os cunhados eram respeitáveis e conservadores – um era professor de uma escola só para meninos e o outro um comerciante bem-sucedido, que fora criado na nobreza.

– Quantos anos você tem? – perguntou Amanda impulsivamente, franzindo a testa.

Jack hesitou brevemente antes de responder.

– Trinta e um. Você se preocupa muito com números, não é mesmo?

Ele parecia mais novo que 31 anos, pensou Amanda. No entanto, uma das injustiças da vida era que os homens raramente aparentavam a idade, ao contrário das mulheres.

– Esta noite estou preocupada com isso, sim – admitiu ela. – Mas amanhã meu aniversário terá passado e não vou mais pensar no assunto. Pretendo seguir tranquila pelos anos que me restam, tentando aproveitá-los ao máximo.

Jack pareceu achar engraçado o tom prático dela.

– Santo Deus, você fala como se estivesse com o pé na cova! É uma mulher atraente, uma romancista de renome, e está em seu auge.

– *Não sou atraente* – disse Amanda com um suspiro.

Jack apoiou o braço ao longo das costas do sofazinho, sem parecer se importar nem um pouco por estar ocupando a maior parte dele e encurralando-a em um canto. O olhar dele percorreu-a com uma atenção desconcertante.

– Você tem uma pele linda, o formato da sua boca é perfeito...

– Acho grande demais – retrucou Amanda.

Ele ficou encarando os lábios dela por um longo momento. Quando voltou a falar, sua voz saiu um pouco mais rouca do que antes.

– Sua boca é perfeitamente apropriada para o que eu tenho em mente.

– E sou rechonchuda – acrescentou ela, agora determinada a expor tudo que não lhe agradava.

– Perfeitamente curvilínea.

O olhar dele desceu para os seios dela na inspeção menos cavalheiresca a que Amanda já se vira submetida.

– E meus cabelos são lamentavelmente cacheados.

– São? Solte-os para que eu possa ver.

– O quê?

A ordem ultrajante a fez dar uma súbita gargalhada. Nunca conhecera um homem tão presunçoso.

Jack olhou ao redor da sala aconchegante, então voltou os olhos maliciosos para ela novamente.

– Estamos a sós, ninguém vai ver – disse baixinho. – Você alguma vez já soltou os cabelos para um homem?

O silêncio da sala só era interrompido pelo crepitar suave do fogo na lareira e pelo som da respiração deles. Amanda nunca se sentira daquela maneira antes, realmente com medo do que poderia fazer. Seu coração batia com tanta força que a deixou zozna. Ela balançou a cabeça brevemente em um movimento rígido. Jack era um estranho. Ela estava sozinha em casa com ele, e mais ou menos à sua mercê. Pela primeira vez em muito tempo se via em uma situação sobre a qual não tinha qualquer controle. E tudo por culpa dela mesma.

– Por acaso está tentando me seduzir? – perguntou Amanda.

– Não precisa ficar com medo de mim. Eu jamais forçaria uma dama a aceitar as minhas atenções.